



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



DOMINGOS LEITE DE CASTRO

DOMINGOS LEITE DE CASTRO

O à-memória de Leite de Castro não devia ser escrito por mim — e vários esforços empreguei baldadamente para que o não fôsse. Pertença a uma geração posterior alguns lustros, e por um conjunto de imperativos morais e políticos, ainda hoje difícil e contraditòriamente apreciáveis, obstinada em demolir — que não a compreender e respeitar — aquela onde estavam os chefes da situação, os nossos pais e os amigos e adversários de nossos pais; não privei no seu convívio de homem abastado e culto (1); sou iletrado nos assuntos a que dedicou a sua actividade de inteligência e de trabalho, e, andando na peregrinação de moço escolar, assisti de longe e alheio, apenas e já no declínio, à sociedade do seu tempo e ao decurso dos factos a que andou vinculado o seu nome.

(1) Domingos Leite de Castro nasceu na freguesia de N. S.^a da Oliveira a 13-10-1846 (L.^o, fl. 50) e faleceu em Cramariúhos, freguesia de Moure, a 10-9-1916, e era filho de António Leite de Castro, bacharel em direito, nascido em Cramariúhos, freguesia de Moure, e de D. Ana Emília da Costa Vaz Vieira, nascida no Campo da Feira, freguesia de N. S.^a da Oliveira, a 19-2-1816 e falecida a 13-2-1902, casados em S. Miguel do Castelo a 17-1-1846 (L.^o de N. S.^a da Oliveira, fl. 12).

Avós paternos: João António de Castro, bacharel, natural de Moure, e D. Francisca Leite da Costa, natural de Ambrões, freguesia da Várzea.

Avós maternos: Domingos da Costa Vaz Vieira, natural do Campo da Feira, cavaleiro de Cristo, casado a 23-2-1813 com D. Maria Joaquina Barrosetta Maia, na freguesia de N. S.^a da Oliveira, que era a da naturalidade de ambos, nascida a 19-9-1785 e falecida a 20-6-1838, e êle falecido a 16-2-1866.

Bisavós paternos: José António de Castro, nascido em S. Martinho de Silves a 12-3-1723 e baptisado a 19, casado em segun-

Chamado a depor, viria, sem embargo, e havia de jurar com o claro desassombro da consciência que os rapazes da minha era, podendo vassojar o nome acrimonioso de muito professor que só ensinou o ódio à escola, não esquecerão jamais a benéfica e apostolizante cultura que lhes foi carinhosamente dispensada, no meio da indiferença crassíssima pela vida do espírito, por essa heróica pléiade de obreiros, imortais de beleza, que sobre a vasa paludosa dos interesses e comodismos, alicerçaram e pedra a pedra ergueram este arrojado templo de amor patriótico, dedicação cívica e rejuvenescimento futuro.

Bem merecia o cidadão ilustre outra homenagem, condigna, emocionada pelo conhecimento íntimo das relações afectivas e o directo das acções praticadas, a qual, mercedamente, eu não lhe posso, por insuficiência, nem saberia, por imperícia, desenvolver e prestar.

Mas é tempo sobejo de cumprir a promessa feita.

*

das núpcias (sendo viúvo de Ana Maria Joaquina da Silva, da freguesia de Refojos de Basto e falecida em Margaride) com Jacinta Teresa Brochado Teles em 10-1-1762. — António Leite, bacharel, de Ambrães, Várzea, e D. Joana Maria. ⁽¹⁾

Bisavós maternos: Manuel da Costa e Ana Joaquina Pereira ⁽²⁾. — Cristóvão Francisco Barroso, falecido a 7-11-1806 e D. Ana Maria da Maia, falecida a 25-7-1836, moradores na rua Nova do Muro.

Trisavós paternos: João Antunes de Sampaio, baptizado em S. Martinho de Silveiras a 30-12-1683, casado em Pombeiro a 2-12-1720 com Luísa Maria de Castro, moradores no lugar das Nogueiras, em Silveiras. — José Francisco Coelho e Jacinta Josefa Brochado, casados em Moure a 1-2-1736.

Trisavós maternos: António Ribeiro e Isabel Francisca, moradores em S. Gens de Montelongo ⁽³⁾. — Manuel Lopes da Maia, natural de S. Sebastião, e Maria Luísa Peixoto, natural de Travassos. ⁽⁴⁾

Quartos avós paternos: João Antunes, baptizado em Silveiras a 28-1-1661 e Catarina de Sampaio, baptizada em Armil a 12-1-1646, casados em Silveiras a 14-2-1683 e aí moradores no lugar das Nogueiras. — Francisco de Castro, falecido a 29-12-1712 e Maria da Costa, falecida a 13-4-1713, moradores no Ribeirinho, em Pombeiro.

⁽¹⁾ Não continua mais nestas duas linhas.

⁽²⁾ Idem.

⁽³⁾ Idem.

⁽⁴⁾ Idem.

A *Sociedade Martins Sarmiento*, um lar de estudo e de radiação social educativa, não deixa morrer os mortos — ressurgem-os, modelados naquela verdade inteira que começa para além do túmulo, em comunhão espiritual, para o exemplo e incentivo de cada dia; para o convívio, fraternizador através do tempo e do espaço, dos que pelejam pelas mesmas nobres conquistas; a cerrar fileiras na defesa do património comum, a idea-máter — o amor à terra natalícia, molécula indestrutível da pátria eterna, por um sadio norteamento das camadas novas e das classes populares, e pelo culto sacratíssimo do passado — na etnologia, na pre-história, na pedra fôscia da Citânia ou na ogiva dos monumentos, na arte, nas tradições, nos costumes...

Nós vivemos hoje — confesse-se repetidamente à comunidade pública — mais do exemplo invulgar de uma consagração a um sábio que, ao perpetuar-lhe o nome por entre a massa da ignorância pedantesca, como reflectiu os seus altíssimos sentimentos humanitários, e da obra magnífica incanceirosamente realizada,

ro ⁽¹⁾. — Francisco Coelho ⁽²⁾ e Páscoa Francisca, moradores no Outeiro, em Moure; ela casou segunda vez com Manuel Teles da Silva, filho legítimo de António Brochado da Silva e Antónia Vieira, da Lixa, em Moure a 18-7-1721. — Filipe Velho do Couto e Jacinta Brochado Teixeira, filhos naturais, moradores em Caraminhos e casados em Moure a 5-2-1696.

Quintos avós paternos: Gaspar de Sampaio e Maria Antunes, casados em Silveiras a 6-4-1658, moradores no lugar de Sobradelo. — Domingos Gonçalves e Paula de Sampaio ou Paula Durães, moradores no lugar dos Eidos, em Armil ⁽³⁾. — António Francisco e Isabel Francisca, moradores na Devesa, em Caramos ⁽⁴⁾. — Manuel Velho do Couto, natural de Sernande (viveu em Guimarães onde casou com Mariana da Guerra a 23-2-1650, na freguesia de N. S.ª da Oliveira) e Domingas Ferreira ⁽⁵⁾, solteira, de Guimarães. — António Brochado da Costa e Maria Teixeira, solteira, ãe do lugar da Taipã e ela do de Lamas de Conde, ambos de Caramos. ⁽⁶⁾

Sextos avós paternos: Domingos de Sampaio e Maria Pires, moradores em Tiviães, freguesia de Antime ⁽⁷⁾. — Francisco Antu-

⁽¹⁾ Não continua mais nestas duas linhas.

⁽²⁾ Não continua mais nesta linha.

⁽³⁾ Não continuam estas duas linhas.

⁽⁴⁾ Idem.

⁽⁵⁾ Não continua mais esta linha.

⁽⁶⁾ Não continuam estas duas linhas.

⁽⁷⁾ Idem.

prossequindo-a, pelos mais altos espíritos da nossa terra, que só foram adversários rivalizando no bem, do que do fraco e instável apoio do nosso anonimismo, singrando frouxo na egoísta-dinheiracea de nossos dias... sinceros e dignos de respeito, ao menos, por querermos transmitir — assim seja! — a melhores mãos esta herança que não inveja fortunas, porque sem igual em riqueza.

Leite de Castro é uma parcela desta vida que sobrepuja a morte — foi um dos nossos sócios fundadores — e se, na urna do amor filial, se guarda amantissimamente o seu coração, que foi bom e puro, somos nós que possuímos o esplendor do seu espírito, que foi bem intencionado, recto e propulsivo. Manteve inalterável a sua amizade a esta casa, que sempre ajudou com o seu conselho, o seu estímulo, a sua coope-

nes e Margarida Brás, moradores em S. Clemente de Basto (1). — Manuel Velho e Maria do Couto.

Sétimos avós: João Manuel e Marta Nunes, de Santa Maria de Alvarenga, onde casaram a 13-5-1582. — Manuel Pereira e Antónia do Couto, de Sernande. (2)

Oitavos avós: Manuel Dias, ou Domingues e Catarina Afonso, da freguesia de Santa Maria de Gêmeos, Guimarães. — Diogo Velho e Genebra Dias, ou Domingues, do lugar do Bairro de Alvarenga.

Domingos Leite de Castro casou com D. Maria Rita de Castro Sampaio. Pais dela: João de Castro e Maria do Rosário Sampaio.

Avós paternos: José de Castro Sampaio, natural de Santa Eulália de Fafe, e D. Maria Rita de Freitas e Castro, casados em S. Paio a 15-4-1805, a qual sendo viúva casou com José António Ferreira de Castro, de quem teve D. Joaquina, falecida sem geração em vida da mãe, herdando esta Sendeio.

Avós maternos: Manuel Baptista Sampaio Guimarães, natural de S. Sebastião, e D. Francisca Emília Pereira Teixeira, natural de Creixomil, moradora na Caldeira, falecida em S. Paio a 21-12-1843.

Bisavós paternos: Manuel de Castro e Maria Joana. — Cristóvão de Castro Dias e D. Antónia Josefa de Castro, descendente dos Senhores de Sendeio.

Bisavós maternos: João Baptista Gonçalves, de S. Mariinho de Sande e Ana Rosa de Sampaio, de S. Sebastião, casados em S. Paio a 11-10-1772. — Manuel José Pereira Teixeira e Teresa Maria Antunes.

Trisavós maternos: Domingos Gonçalves e Catarina Peixoto. — Josefa Maria (soiteira?).

(1) Não continuam estas duas linhas

(2) Idem.

ração, e por vezes presidindo, calmo e apaixonado, ao seu destino, que nunca se lhe prefigurou incerto. Medir-lhe percucientemente o alcance com o fervor de um visionário, servia-a com a intrépida serenidade do forte que sabe conciliar o entusiasmo de moço com a sagacidade experta dos anos — e que não se enganara vai-o afirmando exuberantemente e mais e mais a lição dos factos: incontroversamente um dos mais gloriosos títulos nobiliárquicos da nossa Guimarães e sem dúvida também a melhor obra municipal de todo o século passado.

Este pouco já sobreceia para lhe marcar o perfil. A Leite de Castro em grande parte se deve a criação da *Revista de Guimarães*, ao seu empenho animoso que vencia a timidez hesitante e os longos embaraços das reflexões casmurras e useiramente estéreis, ao seu ardor sugestivo que, partindo as arrelias do insuperável, alvoroçava e impelia docemente, hipnotizados no mesmo fito, os seus amigos e companheiros. Ele tinha o frémio da idea em acção... a idea acertada na acção profícua.

Amigo e admirador de Martins Sarmiento, cuja obra só tinha e tem o defeito de não ser estudada e conhecida — e pois não correm as escolas e o mercado apanhados e compendiosinhos de história pátria em que logo nas linhas de introdução se ensinam, como coisa assente, as nossas origens célticas, ponto hoje absolutamente pôsto de parte depois dos trabalhos e investigações do sábio vimaranense? — dedicou-se ao sumário e propaganda dos seus estudos, ao desenvolvimento e aplicação das conclusões tiradas, a refundir o capítulo das origens na história da Lusitânia. Nesse trabalho — *Os Luso-Portuguezes* —, como na paciente e minuciosa situação da *Caladuno* (a principal cidade dos Callaicos) do Itinerário e de Ptolomeu, embora discutível, e que Leite de Castro fixava no nosso monte da Penha, como no acerca da *Atlantida*, a famosa ilha situada em frente das colunas de Hércules, e a *Atlantida e as dez Cassiterides*, e ainda nas suas notas biográficas de *Gaspar Estação de Brito* (1), mostrando-

(1) *Gaspar Estação de Brito* (fl. 158 do 2.º vol. da «Revista de Guimarães») por Leite de Castro. A respeito d'este seu trabalho

-se convicto admirador de Sarmento, revelou qualidades de estudo e de cultura que não são vulgares. Muito curiosas e interessantes ainda as suas páginas sobre o folclore: proprietário ilustrado e homem de coração sente-se que, convivendo com a gente simples, aprendeu a conhecer, a respeitar, a amar a boa alma dos humildes e se deixou prender no encanto das suas tradições e dos seus costumes.

Já no jornalismo, tanto no *28 de Novembro*, em que colaborou sob a direcção do grande Alberto Sampaio, como no *17 de Julho*, Leite de Castro, em linguagem de um talho sóbrio e elegante, aprofundava as questões com critério lúcido e sorridente bonomia. Pertencera ao primeiro centro progressista, fundado pelo Conde de Vila Pouca, e, acompanhando a política discretamente, sem frios sectarismos, nela procurava desempenhar o papel difícil mas afeiçoado às suas qua-

informa-nos o Sr. J. L. de Faria que devem ser feitas as seguintes alterações:

- a fl. 169 Sobre o ano da apresentação, deve ser 1589 ou 1590, mas ou porque não estivesse ordenado de ordens sacras (e por isso não tinha assento e voto em cabido) ou porque estivesse em Roma ou em outra parte fora, só aparece em a nota ou acto capitular.
- a fl. 170 a 2-X-1592, mas já era o penúltimo porque tinha outro abaixo d'ele. Em 1-6-1626 já assinou uma vedoria. Em 1591 venceu metade do peixe.
- a fl. 171 diz que as «Memorias historicas e antiguidades de Guimarães» de André Afonso Peixoto e a «Historia Vimaranensis» de Luís da Gama, obras que ficaram manuscritas e se consideram perdidas. O Abade de Tagilde, a fl. 190 do 1.º vol. da «Revista», na monografia dos dois supra, diz que foram impressas.
- a fl. 172 O D. Agostinho de Castro é o mesmo D. fr. Agostinho de Jesus. Nas visitas que fez em Guimarães a 2-12-1590, 14-2-1593, 11 e 12-2-1601, 7 e 8-8-1605, é como se nomeia nos capítulos das visitas.
- a fl. 173 O Arcebispo D. Afonso Furtado de Mendonça visitou Guimarães em 3-3-1624.
- a fl. 174 diz que foram retirados todos os documentos antigos até fins do século 15; foi até fins do século 16, pois d'este 16 levaram 963 documentos.

lidades diplomáticas, de conciliador, tendo em vista a congregação dos valores da sua terra.

*

E' sempre longa a distância dos anos — acumulam-se os incidentes magnos e vai rareando o tempo de recordar — e longa a porção da sua cada vez mais rápida, quasi vertiginosamente instantânea, passagem. Os defeitos daqueles tempos — talvez o mais curioso indicador da sua psicologia — estão amortecidos. Ao contrário, as suas qualidades, que então seriam julgadas trivialíssimas, avultam — porque a sua actual invulgaridade as aponta como inacreditáveis.

Havia, então, o verdadeiro culto profissional. Ainda hoje se encontra, bem sei. Mas são tantas as pro-

- a fl. 174 diz que o Estaço faleceu em Dezembro de 1626, ignorando o dia. (O «Portugal, dicionário histórico», dá o falecimento a 21-2-1626, o que é um grandíssimo erro). A certeza não se pode bem saber, porque há muitos anos que desapareceu o livro dos apontadores do côro d'esse ano, bem como o do ano em que ele tomou posse do canonicato, pois tais livros eram um Diário em que se faziam esses assentos e tôdas as ocorrências do côro. Eu entendo que o falecimento do Estaço foi a 23-XII, depois de dita a hora de Prima, ou seja depois das 9 e meia horas da manhã, porque no livro das contas se diz que venceu meio ano (o qual acabava em 23 de Dezembro porque o ano era de 24 de Junho a 23 de Junho, S. João) e os cônegos eram muito exactos a respeito de interesses. Também do respectivo livro da receita e despesa da Misericórdia se colige que o entêrro foi a 24 de Dezembro, porque diz: «Renderam as bacias de quarta-feira da quarta semana que foram 23 d'este (Dezembro) 280 — De um entêrro que fez a mesa a uma irmã de António Passos da rua de S. Domingos 1\$200 — De um acompanhamento que a irmandade fez com a bandeira somente ao cônego Gaspar *Estasio* 4\$000 — De um entêrro que a mesa fez a Beatriz Vieira da Torre Velha 1\$200 — Rendeu o peditório de dia de Natal 2\$315».

a fl. 174 na nota: onde se lê 13 v.º leia-se 14 v.º.

O Estaço fez testamento em 15-8-1626, que foi aprovado em 7-12 do mesmo ano por João de Faria, escrivão do público e judicial em Guimarães, de que há cópia no cartório da Curaria, que foi legatária.

fissões exercidas pelo mesmo indivíduo que não pode consagrar-se a nenhuma delas com profunda e séria devoção. E assim mesmo...

Avelino Germano, incorrigivelmente entusiasta por tôdas as demonstrações de justiça e de caridade, de palavra arrebatada e alma límpida, era um médico distinto, de seguro conselho e magnífica intuição em diagnósticos; José Sampaio figura na galeria de honra do fôro português. Avelino da Silva Guimarães, orador e jornalista de grandes merecimentos, foi um advogado notável... Para entrar na vida social — a aristocracia do pensamento dirigindo — havia cada um, nestes pequenos meios provincianos, de mostrar que valia: e que valia no honrado exercício do seu mister. Ali se adestravam e traziam a experiência da vida e opiniões formadas ao contacto dos homens e nas espaçadas horas do recolhimento estudioso.

Os mais novos seguiam o exemplo. Bráulio Caldas, um dos nossos melhores poetas, vestindo a toga de advogado, conheceu a áspera luta da humanidade contra o direito estabelecido, com toda a singeleza e dedicação de um trabalhador.

Leite de Castro podia contentar-se com ser um homem rico — o que já não é pouco. Mas tinha amor à sua terra e nobremente por ela trabalhou. Instruído, não se perdeu em vaidades nem se deixou levar por ambições. A sua linha era austera, mas doce, acolhedora. Proprietário, mediu as suas responsabilidades, as responsabilidades que se cria o homem que soube educar-se — e por isso mesmo se desvelou em actualizar o tratamento das suas quintas, favorecendo as classes rústicas.

*

Nesta hora má de materialão egoísmo faz bem evocar homens assim. Guimarães perdeu muito com a sua morte — ainda não foram, nem serão tam cedo substituídos. E a *Sociedade Martins Sarmiento*, filha da sua paixão patriótica, ao evocá-los com saudade, punge-se de amarga tristeza...